



BIBLIOTECA ÁUREA

**A INTERPRETAÇÃO  
DOS SONHOS**  
SIGMUND FREUD

# A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

Sigmund Freud

Tradução  
WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA

20ª EDIÇÃO



Título original: *Die Traumdeutung*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F942i Freud, Sigmund, 1856-1939  
A interpretação dos sonhos [recurso eletrônico] / Sigmund Freud; tradução  
Walderedo Ismael de Oliveira. - [20. ed.]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.  
recurso digital (Biblioteca áurea)

Tradução de: Die traumdeutung  
Formato: ebook  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: world wide web  
ISBN 9788520943571 (recurso eletrônico)

1. Interpretação de sonhos. 2. Psicanálise. 3. Livros eletrônicos. I. Oliveira, Walderedo Ismael de. II. Título. III. Série.

18-53327

CDD: 154.63  
CDU: 159.963.38

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

## Sumário

A interpretação dos sonhos (1900)

Prefácio à primeira edição

Prefácio à segunda edição

Prefácio à terceira edição

Prefácio à quarta edição

Prefácio à quinta edição

Prefácio à sexta edição

Prefácio à oitava edição

Prefácio à terceira edição inglesa (revista)

I – A literatura científica que trata dos problemas dos sonhos

(A) A relação dos sonhos com a vida de vigília

(B) O material dos sonhos — a memória nos sonhos

(C) Os estímulos e as fontes dos sonhos

1. Estímulos sensoriais externos (objetivos)

2. Estímulos sensoriais internos (subjetivos)

3. Estímulos somáticos internos (orgânicos)

4. Fontes de estimulação puramente psíquicas

(D) Por que nos esquecemos dos sonhos após despertar

(E) As características psicológicas distintivas dos sonhos

- (F) O sentido moral nos sonhos
- (G) Teorias do sonhar e de sua função
- (H) As relações entre os sonhos e as doenças mentais

Pós-escrito, 1909

Pós-escrito, 1914

II – O método de interpretação dos sonhos:  
análise de um sonho-modelo

III – O sonho é a realização de um desejo

IV – A distorção nos sonhos

V – O material e as fontes dos sonhos

- (A) Material recente e irrelevante nos sonhos
- (B) O material infantil como fonte dos sonhos
- (C) As fontes somáticas dos sonhos
- (D) Sonhos típicos
  - ( $\alpha$ ) Sonhos embaraçosos de estar despido
  - ( $\beta$ ) Sonhos sobre a morte de pessoas queridas
  - ( $\gamma$ ) Outros sonhos típicos
  - ( $\delta$ ) Sonhos com exames

VI – O trabalho do sonho

- (A) O trabalho de condensação
- (B) O trabalho de deslocamento

- (C) Os meios de representação nos sonhos
- (D) Consideração à representabilidade
- (E) Representação por símbolos nos sonhos — Outros sonhos típicos
- (F) Alguns exemplos — Cálculos e falas nos sonhos
- (G) Sonhos absurdos — Atividade intelectual nos sonhos
- (H) Os afetos nos sonhos
- (I) Elaboração secundária

## VII – A psicologia dos processos oníricos

- (A) O esquecimento dos sonhos
- (B) Regressão
- (C) Realização de desejos
- (D) O despertar pelos sonhos — A função dos sonhos — Sonhos de angústia
- (E) Os processos primário e secundário — Recalque
- (F) O inconsciente e a consciência — Realidade

## Apêndice

Uma premonição onírica realizada

## Bibliografias

- (A) Índice de autores e relação das obras citadas no texto
- (B) Relação de outras obras sobre os sonhos publicadas

antes do ano de 1900

Notas

Sobre o autor

A interpretação dos sonhos  
(1900)

*Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.\**

## Nota

\* “Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte” (Virgílio, Eneida, Livro II, 312). O Aqueronte, um dos rios do Inferno, segundo a mitologia antiga, simboliza os deuses infernais. [Ver Paulo Rónai: Não perca o seu latim, 1980, 4ª edição, Nova Fronteira.] (N. E.)

## Prefácio à primeira edição

Tentei neste volume fornecer uma explicação da interpretação dos sonhos e, ao fazê-lo, creio não ter ultrapassado a esfera de interesse abrangida pela neuropatologia. Pois a pesquisa psicológica mostra que o sonho é o primeiro membro de uma classe de fenômenos psíquicos anormais, da qual outros membros, como as fobias histéricas, as obsessões e os delírios, estão fadados, por motivos práticos, a constituir um tema de interesse para os médicos. Como se verá a seguir, os sonhos não podem fazer nenhuma reivindicação semelhante de importância prática, mas seu valor teórico como paradigma é, por outro lado, proporcionalmente maior. Qualquer um que deixe de explicar a origem das imagens oníricas dificilmente poderá esperar compreender as fobias, as obsessões ou os delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre eles.

Mas a mesma correlação que responde pela importância do assunto deve também ser responsabilizada pelas deficiências desta obra. Os encadeamentos rompidos que com tanta frequência interrompem minha apresentação nada mais são do que os numerosos pontos de contato entre o problema da formação dos sonhos e os problemas mais abrangentes da psicopatologia. Estes não podem ser tratados aqui, mas, se o tempo e as forças o permitirem e houver mais material à disposição, eles serão objeto de comunicações posteriores.

As dificuldades de apresentação foram aumentadas ainda mais pelas peculiaridades do material que tive de utilizar para ilustrar a interpretação de sonhos. Tornar-se-á claro, no decorrer da própria obra, o motivo por que nenhum dos sonhos já relatados na literatura do assunto ou coligidos de fontes desconhecidas poderia ter serventia para meus propósitos. Os únicos sonhos dentre os quais pude escolher foram os meus e os de meus pacientes em tratamento psicanalítico. Mas fui impedido de utilizar o segundo material pelo fato de que, nesse caso, os processos oníricos estavam sujeitos a uma complicação indesejável, em vista da presença adicional de características

neuróticas. Mas, se quisesse relatar meus próprios sonhos, a consequência inevitável é que eu teria de revelar ao público maior número de aspectos íntimos de minha vida mental do que gostaria, ou do que é normalmente necessário para qualquer escritor que seja um homem de ciência e não um poeta. Tal foi a penosa mas inevitável exigência, e me submeti a ela para não abandonar por completo a possibilidade de fornecer a comprovação de minhas descobertas psicológicas. Naturalmente, contudo, não pude resistir à tentação de aparar as arestas de algumas de minhas indiscrições por meio de omissões e substituições. Sempre que isso aconteceu, porém, o valor de meus exemplos se viu drasticamente reduzido. Posso apenas manifestar a esperança de que os leitores deste livro se coloquem em minha difícil posição e me tratem com indulgência, e, além disso, que qualquer um que encontre alguma espécie de referência a si próprio em meus sonhos se disponha a conceder-me o direito à liberdade de pensamento — ao menos em minha vida onírica, se não em qualquer outra área.

## Prefácio à segunda edição

Se, no intervalo de dez anos desde a publicação deste livro (que está muito longe de constituir fácil leitura), uma segunda edição se faz necessária, isso não se deve ao interesse nele demonstrado pelos círculos profissionais a que se dirigiu meu prefácio original. Meus colegas psiquiatras parecem não se ter dado ao trabalho de superar o espanto inicial criado por minha nova abordagem dos sonhos. Os filósofos profissionais se habituaram a livrar-se rapidamente dos problemas da vida onírica (que tratam como mero apêndice dos estados conscientes) numas poucas frases — e, em geral, nas mesmas; e é evidente que deixaram de notar que temos aqui algo de que é possível extrair diversas inferências que certamente transformarão nossas teorias psicológicas. A atitude adotada pelos críticos nos periódicos científicos só poderia levar a supor que minha obra estava condenada a mergulhar em completo silêncio; já o pequeno grupo de bravos partidários que praticam a psicanálise médica sob minha orientação, e que seguem meu exemplo na interpretação dos sonhos e utilizam suas interpretações no tratamento de neuróticos, jamais teria esgotado a primeira edição do livro. Assim é que me sinto grato a um círculo mais amplo de leitores cultos e de espírito curioso, cujo interesse levou-me a retomar, após nove anos, esta obra difícil, porém, sob muitos aspectos, fundamental.

Apraz-me afirmar que nela encontrei poucas modificações a fazer. Aqui e ali inseri algum material novo e acrescentei alguns novos detalhes oriundos de minha maior experiência, e em alguns pontos remodelei minhas afirmações. Mas a essência do que escrevi sobre os sonhos e sua interpretação, bem como sobre os teoremas psicológicos a serem deles deduzidos — tudo isso permanece inalterado: ao menos subjetivamente, suportou o teste do tempo. Quem estiver familiarizado com meus outros textos (sobre a etiologia e o mecanismo das psiconeuroses) saberá que jamais apresentei opiniões inconclusivas como se fossem fatos estabelecidos, e que sempre procurei modificar minhas afirmações de modo a mantê-las em dia

com meu conhecimento crescente. Na esfera da vida onírica, pude manter inalteradas minhas asserções originais. Durante os longos anos em que venho lidando com os problemas das neuroses, muitas vezes estive em dúvida e tive minhas convicções ocasionalmente abaladas. Nessas ocasiões, foi sempre *A interpretação dos sonhos* que me restituiu a certeza. Assim, foi um instinto seguro que levou muitos de meus opositores científicos a se recusarem a me seguir mais particularmente nas minhas pesquisas sobre os sonhos.

Idêntica durabilidade e capacidade de resistir a quaisquer alterações amplas durante o processo de revisão foram demonstradas pelo *material* do livro, que consiste em sonhos produzidos por mim mesmo, que em sua maior parte foram superados ou se tornaram sem valor pela marcha dos acontecimentos, e pelos quais illustrei as regras da interpretação dos sonhos. Pois este livro tem para mim, pessoalmente, outra importância subjetiva — uma importância que só apreendi após tê-lo concluído. Ele foi, como verifiquei, parte de minha própria autoanálise, minha reação à morte de meu pai — isto é, ao evento mais importante, à perda mais pungente da vida de um homem. Tendo descoberto que assim foi, senti-me incapaz de eliminar os vestígios dessa experiência. Para meus leitores, contudo, será irrelevante em que material específico eles aprenderão a apreciar a importância dos sonhos e como interpretá-los.

Sempre que julguei impossível incorporar algum acréscimo essencial ao contexto original, indiquei que se tratava de um trecho posterior colocando-o entre colchetes.<sup>1</sup>

*Berchtesgaden, verão de 1908*

## Prefácio à terceira edição

Nove anos se passaram entre a primeira e a segunda edições deste livro; porém, decorrido pouco mais de um ano, tornou-se necessária uma terceira edição. Essa reviravolta nos acontecimentos talvez me agrade; mas, assim como antes eu não queria considerar o desprezo dos leitores por meu livro como prova da sua desvalia, não posso alegar que o interesse agora demonstrado nele constitua uma prova de sua excelência.

Nem mesmo *A interpretação dos sonhos* permaneceu intocada pelo progresso dos conhecimentos científicos. Quando o escrevi, em 1899, minha teoria da sexualidade ainda não existia, e a análise das formas mais complexas de psicose apenas começava. Era minha esperança que a interpretação dos sonhos ajudasse a tornar possível a análise psicológica das neuroses; desde então, uma compreensão mais profunda das neuroses influenciou, por sua vez, nossa visão dos sonhos. A própria teoria da interpretação dos sonhos desenvolveu-se mais num sentido em que se depositara ênfase insuficiente na primeira edição deste livro. Minha própria experiência, bem como as obras de Wilhelm Stekel e outros, ensinou-me desde então a fazer uma apreciação mais verdadeira da extensão e da importância do simbolismo nos sonhos (ou, antes, no pensamento inconsciente). Dessa forma, no decurso destes anos, muita coisa que exige atenção se acumulou. Esforcei-me por levar em conta essas inovações, fazendo numerosas interpolações no texto e mediante notas de rodapé adicionais. Se esses acréscimos ameaçam, por vezes, destruir toda a estrutura do livro, ou se nem sempre consegui trazer o texto original ao nível de nossos conhecimentos atuais, solicito a indulgência do leitor para essas deficiências: são elas os resultados e os sinais do atual desenvolvimento cada vez mais rápido de nossa ciência. Posso até arriscar-me a profetizar em que outros sentidos as edições posteriores deste livro — se é que alguma se fará necessária — diferirão da atual. Terão, por um lado, de proporcionar um contato mais estreito com o copioso material apresentado nos textos de ficção, nos mitos, no uso linguístico e no folclore; ao mesmo tempo que, por

outro lado, terão de lidar, em maiores detalhes do que foi possível aqui, com as relações dos sonhos com as neuroses e as doenças mentais.

O Dr. Otto Rank proporcionou-me valiosa assistência na seleção do material adicional e foi inteiramente responsável pela correção das provas tipográficas. Devo meus agradecimentos a ele e a muitos outros por suas contribuições e correções.

*Viena, primavera de 1911*

## Prefácio à quarta edição

No ano passado (1913), o Dr. A. A. Brill, de Nova York, preparou uma tradução deste livro para o inglês (*The Interpretation of Dreams*, G. Allen & Co., Londres).

Nessa ocasião, o Dr. Otto Rank não só corrigiu as provas tipográficas, como também contribuiu com dois capítulos autônomos para o texto — os apêndices ao Capítulo VI.

*Viena, junho de 1914*

## Prefácio à quinta edição

O interesse por *A interpretação dos sonhos* não declinou nem mesmo durante a Guerra Mundial e, enquanto ela ainda prossegue, tornou-se necessária uma nova edição. Não foi possível, contudo, ter notícia de todas as publicações desde 1914: nem o Dr. Rank nem eu temos qualquer conhecimento de obras estrangeiras desde aquela data.

Uma tradução húngara, preparada pelo Dr. Hollós e pelo Dr. Ferenczi, está prestes a aparecer. Em 1916-17, minhas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* foram publicadas em Viena por Hugo Heller. A seção principal delas, abrangendo 11 conferências, é dedicada a uma explicação dos sonhos que visa a ser mais elementar e ficar em contato mais estreito com a teoria das neuroses do que esta obra. De modo geral, ela tem o caráter de um epítome de *A interpretação dos sonhos*, embora, em certos pontos, entre em maiores detalhes.

Não me animei a levar adiante nenhuma revisão fundamental deste livro, que talvez o trouxesse ao nível de nossos atuais pontos de vista psicanalíticos, mas que, por outro lado, destruiria seu caráter histórico. Penso, contudo, que após uma existência de quase vinte anos, ele cumpriu sua tarefa.

*Budapeste-Steinbruch, julho de 1918*

## Prefácio à sexta edição

Em virtude das dificuldades em que o ramo editorial se encontra no momento, esta nova edição de há muito se faz necessária, e a edição anterior, pela primeira vez, foi reimpressa sem quaisquer alterações. Somente a bibliografia no fim do volume foi completada e atualizada pelo Dr. Otto Rank.

Assim, não foi confirmada minha suposição de que após uma existência de quase vinte anos este livro cumprira sua tarefa. Pelo contrário, eu poderia dizer que ele tem uma nova tarefa a executar. Se sua função anterior era oferecer informações sobre a natureza dos sonhos, tem ele agora a missão não menos importante de lidar com as obstinadas interpretações errôneas a que essas informações estão sujeitas.

*Viena, abril de 1921*

## Prefácio à oitava edição

Durante o intervalo entre a publicação da última (sétima) edição deste livro em 1922 e a atual, minhas *Gesammelte Schriften* [Obras reunidas] foram editadas em Viena pela Internationaler Psychoanalytischer Verlag. O segundo volume dessa coleção consiste numa reimpressão exata da primeira edição de *A interpretação dos sonhos*, enquanto o terceiro volume contém todos os acréscimos desde então feitos à obra. As traduções do livro surgidas no mesmo intervalo baseiam-se no formato habitual da obra, em um único volume: uma em francês, de I. Meyerson, publicada sob o título de *La Science des rêves* na Bibliothèque de Philosophie Contemporaine, em 1926; uma em sueco, de John Landquist, *Drömtydning* (1927); e uma em espanhol, de Luis López-Ballesteros y de Torres (1922), que ocupa os volumes VI e VII das *Obras completas*. A tradução húngara, que pensei estivesse prestes a ser concluída ainda em 1918, não surgiu até agora.

Na atual edição revista da obra, tratei-a mais uma vez essencialmente como um documento histórico e fiz apenas as alterações sugeridas pela elucidação e pelo aprofundamento de minhas próprias opiniões. De acordo com isso, desisti afinal da ideia de incluir uma relação de obras sobre os problemas dos sonhos, publicadas desde a primeira edição do livro, e essa seção foi agora abandonada. Os dois ensaios com que Otto Rank contribuiu para edições anteriores, sobre “Os sonhos e a literatura de ficção” e “Sonhos e mitos”, também foram omitidos.

Viena, dezembro de 1929

## Prefácio à terceira edição inglesa (revista)

Em 1909, G. Stanley Hall convidou-me para visitar a Clark University, em Worcester, para proferir as primeiras conferências sobre psicanálise. No mesmo ano, o Dr. Brill publicou a primeira de suas traduções de meus textos, que logo foram seguidas por outras. Se a psicanálise desempenha agora algum papel na vida intelectual norte-americana, ou se vier a fazer isso no futuro, grande parte desse resultado terá de ser atribuído a essa e outras atividades do Dr. Brill.

Sua primeira tradução de *A interpretação dos sonhos* surgiu em 1913. Desde então, muitos acontecimentos se verificaram no mundo e houve muitas modificações em nossos pontos de vista sobre as neuroses. Este livro, com a nova contribuição à psicologia que surpreendeu o mundo quando de sua publicação (1900), permanece essencialmente inalterado. Contém, mesmo de acordo com meu julgamento atual, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Um discernimento claro como esse só acontece uma vez na vida.

Viena, 15 de março de 1931

# Capítulo I

## A literatura científica que trata dos problemas dos sonhos<sup>1</sup>

Nas páginas que se seguem, apresentarei provas de que existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar os sonhos, e que, quando esse procedimento é empregado, todo sonho se revela como uma estrutura psíquica que tem um sentido e pode ser inserida num ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília. Esforçar-me-ei ainda por elucidar os processos a que se devem a estranheza e a obscuridade dos sonhos e por deduzir desses processos a natureza das forças psíquicas por cuja ação concomitante ou mutuamente oposta os sonhos são gerados. A essa altura, minha descrição se interromperá, pois terá atingido um ponto em que o problema dos sonhos se funde com problemas mais abrangentes cuja solução deve ser abordada com base num material de outra natureza.

Apresentarei, à guisa de prefácio, uma revisão do trabalho empreendido por autores anteriores sobre o assunto, bem como a posição atual dos problemas dos sonhos no mundo da ciência, visto que, no curso de meu exame, não terei muitas ocasiões de voltar a esses tópicos. Pois, apesar de muitos milhares de anos de esforço, a compreensão científica dos sonhos progrediu muito pouco — fato tão genericamente aceito na literatura que parece desnecessário citar exemplos para confirmá-lo. Nesses escritos, dos quais consta uma relação ao final de minha obra, encontram-se muitas observações estimulantes e uma boa quantidade de material interessante relacionado com nosso tema, porém pouco ou nada que aborde a natureza essencial dos sonhos ou ofereça uma solução final para qualquer de seus enigmas. E menos ainda, é claro, passou para o conhecimento dos leigos instruídos.

Talvez se possa indagar qual terá sido o ponto de vista em relação aos sonhos adotado na pré-história pelas raças primitivas dos homens e que efeito

os sonhos teriam exercido na formação de suas concepções do mundo e da alma; e esse é um assunto de tão grande interesse que só com extrema relutância me abstenho de abordá-lo aqui. Devo encaminhar meus leitores às obras básicas de *Sir John Lubbock*, *Herbert Spencer*, *E.B. Tylor* e outros, e acrescentarei apenas que só poderemos apreciar a ampla gama desses problemas e especulações quando tivermos tratado da tarefa que aqui se coloca diante de nós — a interpretação dos sonhos.

A visão pré-histórica dos sonhos sem dúvida ecoou na atitude adotada para com os sonhos pelos povos da Antiguidade clássica.<sup>2</sup> Eles aceitavam como axiomático que os sonhos estavam relacionados com o mundo dos seres sobre-humanos nos quais acreditavam, e que constituíam revelações de deuses e demônios. Não havia dúvida, além disso, de que, para aquele que sonhava, os sonhos tinham uma finalidade importante, que era, por via de regra, predizer o futuro. A extraordinária variedade no conteúdo dos sonhos e na impressão que produziam dificultava, todavia, ter deles qualquer visão uniforme, e tornava necessário classificá-los em numerosos grupos e subdivisões conforme sua importância e confiabilidade. A posição adotada perante os sonhos por filósofos isolados na Antiguidade dependia, naturalmente, até certo ponto, da atitude destes em relação à adivinhação em geral.

Nas duas obras de *Aristóteles* que versam sobre os sonhos, eles já se tornaram objeto de estudo psicológico. Assim, somos informados de que os sonhos não são enviados pelos deuses e não são de natureza divina, mas que são “demoníacos”, visto que a natureza é “demoníaca”, e não divina. Os sonhos, em outras palavras, não decorrem de manifestações sobrenaturais, mas seguem as leis do espírito humano, embora este, é verdade, tenha afinidades com o divino. Definem-se os sonhos como a atividade mental de quem dorme, na medida em que esteja adormecido.

*Aristóteles* estava ciente de algumas características da vida onírica. Sabia, por exemplo, que os sonhos dão uma construção ampliada aos pequenos estímulos que surgem durante o sono. “Os homens pensam estar caminhando no meio do fogo e sentem um calor enorme, quando há apenas um pequeno aquecimento em certas partes.” E dessa circunstância infere ele a conclusão de que os sonhos podem muito bem revelar a um médico os primeiros sinais de alguma alteração corporal que não tenha sido observada na vigília.<sup>3</sup>

Antes da época de Aristóteles, como sabemos, os antigos consideravam os sonhos não um produto da mente que sonhava, mas algo introduzido por uma instância divina; e, já então, faziam-se sentir as duas correntes antagônicas que iremos encontrar influenciando as opiniões sobre a vida onírica em todos os períodos da história. Traçou-se a distinção entre os sonhos verdadeiros e válidos, enviados ao indivíduo adormecido para adverti-lo ou predizer-lhe o futuro, e os sonhos vãos, enganosos e destituídos de valor, cuja finalidade era desorientá-lo ou destruí-lo.

Gruppe (1906, v. 2, p. 930) cita uma classificação dos sonhos, de Macróbio e Artemidoro, seguindo essa orientação: “Os sonhos eram divididos em duas classes. Supunha-se que uma classe fosse influenciada pelo presente ou pelo passado, mas sem nenhum significado futuro. Abrangia o ἐνυπνια ou *insomnia*, que reproduzia diretamente uma certa representação ou o seu oposto — por exemplo, de fome ou sua saciação —, e o φαντασματα, que emprestava uma extensão fantástica à representação — por exemplo, o pesadelo ou *ephaltes*. A outra classe, ao contrário, supostamente determinava o futuro. Abrangia (1) profecias diretas recebidas num sonho (o χρηματισμος ou *oraculum*), (2) previsões de algum evento futuro (o ραμα ou *visio*) e (3) sonhos simbólicos, que precisavam de interpretação (o νειρος ou *somnium*). Essa teoria persistiu durante muitos séculos.”

Essa variação no valor que se deveria atribuir aos sonhos estava intimamente relacionada com o problema de “interpretá-los”. Em geral, esperavam-se importantes conseqüências dos sonhos. Mas nem todos eles eram imediatamente compreensíveis, e era impossível dizer se um sonho ininteligível em particular não estaria fazendo alguma comunicação importante. Isso proporcionou o incentivo para que se elaborasse um método mediante o qual o conteúdo ininteligível de um sonho pudesse ser substituído por outro, compreensível e significativo. Nos últimos anos da Antiguidade, Artemidoro de Daldis foi considerado a maior autoridade na interpretação dos sonhos, e a sobrevivência de sua abrangente obra [*Oneirocritica*] deve compensar-nos pela perda dos outros escritos sobre o mesmo assunto.<sup>4</sup>

A visão pré-científica dos sonhos adotada pelos povos da Antiguidade estava, por certo, em completa harmonia com sua visão do universo em geral, que os levou a projetar no mundo exterior, como se fossem realidades, coisas que de fato só gozavam de realidade dentro de suas próprias mentes.

Além disso, seu ponto de vista sobre os sonhos levava em conta a principal impressão produzida na mente desperta, pela manhã, pelo que resta de um sonho na memória: uma impressão de algo estranho, advindo de outro mundo e contrastando com os demais conteúdos da mente. A propósito, seria um erro supor que a teoria da origem sobrenatural dos sonhos está desprovida de defensores em nossos próprios dias. Podemos deixar de lado os escritores carolas e místicos, que de fato estão perfeitamente justificados em permanecer ocupados com o que restou do outrora amplo domínio do sobrenatural enquanto esse campo não é conquistado pela explicação científica. Mas, além deles, depara-se com homens de visão esclarecida, sem quaisquer ideias extravagantes, que procuram justificar sua fé religiosa na existência e na atividade de forças espirituais sobre-humanas precisamente pela natureza inexplicável dos fenômenos dos sonhos. (Cf. Haffner, 1887.) A alta estima em que é tida a vida onírica por algumas escolas de filosofia (pelos seguidores de Schelling,<sup>5</sup> por exemplo) é nitidamente um eco da natureza divina dos sonhos que era incontestada na Antiguidade. Tampouco chegaram ao fim os debates acerca do caráter premonitório dos sonhos e de seu poder de predizer o futuro, pois as tentativas de dar uma explicação psicológica têm sido insuficientes para cobrir o material coletado, por mais decididamente que as simpatias dos que são dotados de espírito científico se inclinam contra a aceitação de tais crenças.

É difícil escrever uma história do estudo científico dos problemas dos sonhos porque, por mais valioso que tenha sido esse estudo em alguns pontos, não se pode traçar nenhuma linha de progresso em qualquer direção específica. Não se lançou nenhum fundamento de descobertas seguras no qual um pesquisador posterior pudesse edificar algo; ao contrário, cada novo autor examina os mesmos problemas de novo e recomeça, por assim dizer, do início. Se eu tentasse relacionar em ordem cronológica aqueles que têm escrito sobre o assunto e apresentasse um resumo de seus pontos de vista sobre os problemas dos sonhos, teria de abandonar qualquer esperança de apresentar um quadro geral abrangente do atual estado dos conhecimentos sobre o assunto. Optei, portanto, por estruturar meu relato de acordo com tópicos, e não com autores, e à medida que for levantando cada problema

relacionado com o sonho, apresentarei qualquer material que a literatura contenha para sua solução.

Visto, contudo, ter-me sido impossível englobar toda a literatura sobre o tema, amplamente dispersa como é e invadindo muitos outros campos, sou compelido a pedir a meus leitores que se deem por satisfeitos desde que nenhum fato fundamental ou ponto de vista importante sejam deixados de lado em minha descrição.

Até pouco tempo atrás, a maioria dos autores que escreviam sobre o assunto sentia-se obrigada a tratar o sono e os sonhos como um tópico único, e em geral abordava, além disso, condições análogas fronteiriças à patologia e estados semelhantes aos sonhos, como as alucinações, visões etc. As obras mais recentes, pelo contrário, mostram preferência por um tema restrito e tomam por objeto, talvez, alguma questão isolada no campo da vida onírica. Agradar-me-ia ver nessa mudança de atitude a expressão de uma convicção de que, nessas questões obscuras, só será possível chegar a explicações e resultados sobre os quais haja acordo mediante uma série de investigações pormenorizadas. Uma pesquisa detalhada desse tipo, predominantemente psicológica por natureza, é tudo o que tenho a oferecer nestas páginas. Tive poucas oportunidades de lidar com o problema do sono, posto que esse é essencialmente um problema da fisiologia, muito embora uma das características do estado de sono deva ser a de promover modificações nas condições de funcionamento do aparelho mental. A literatura sobre o tema do sono, conseqüentemente, não é considerada adiante.

As questões levantadas por uma indagação científica sobre os fenômenos dos sonhos como tais podem ser agrupadas sob as epígrafes que se seguem, embora não se possa evitar certa dose de superposição.

(A)

A relação dos sonhos com a vida de vigília

O julgamento simplista de vigília feito por alguém que tenha acabado de acordar presume que seus sonhos, mesmo que não tenham eles próprios vindo de outro mundo, ao menos o haviam transportado para outro mundo. O velho fisiólogo Burdach (1838, p. 499), a quem devemos um relato cuidadoso e perspicaz dos fenômenos dos sonhos, expressou essa convicção num trecho muito citado: “Nos sonhos, a vida cotidiana, com suas dores e seus prazeres, suas alegrias e mágoas, jamais se repete. Pelo contrário, os sonhos têm como objetivo verdadeiro libertar-nos dela. Mesmo quando toda a nossa mente está repleta de algo, quando estamos dilacerados por alguma tristeza profunda, ou quando todo o nosso poder intelectual se acha absorvido por algum problema, o sonho nada mais faz do que entrar em sintonia com nosso estado de espírito e representar a realidade em símbolos.” I.H. Fichte (1864, v. 1, p. 541), no mesmo sentido, fala efetivamente em “sonhos complementares” e os descreve como um dos benefícios secretos da natureza autocurativa do espírito. Strümpell (1877, p. 16) afirma praticamente a mesma coisa em seu estudo sobre a natureza e origem dos sonhos — uma obra ampla e merecidamente tida em alta estima: “O homem que sonha fica afastado do mundo da consciência de vigília.” E também (ibid., 17): “Nos sonhos, pode-se dizer que a nossa recordação do conteúdo ordenado da consciência de vigília e de seu comportamento normal está completamente perdida.” E de novo (ibid., 19) escreve que “nos sonhos, a mente é isolada, quase sem memória, do conteúdo e dos assuntos comuns da vida de vigília”.

A grande maioria dos autores, contudo, assume o ponto de vista contrário quanto à relação entre os sonhos e a vida de vigília. Assim, diz Haffner (1887, p. 245): “Em primeiro lugar, os sonhos dão prosseguimento à vida de vigília. Nossos sonhos se associam regularmente às representações que estiveram em nossa consciência pouco antes. A observação cuidadosa quase sempre encontra um fio que liga o sonho às experiências da véspera.” Weygandt (1893, p. 6) contradiz especificamente o enunciado de Burdach que acabo de citar: “Pois muitas vezes, e aparentemente na maioria dos sonhos, pode-se observar que eles de fato nos levam de volta à vida comum, em vez de libertar-nos dela.” Maury (1878, p. 51) apresenta uma fórmula concisa: “*Nous rêvons de ce que nous avons vu, dit, désiré ou fait*”;<sup>6</sup> enquanto Jessen, em seu livro sobre psicologia (1855, p. 530), observa mais extensamente: “O conteúdo de um sonho é, invariavelmente, mais ou menos

determinado pela personalidade individual daquele que sonha, por sua idade, sexo, classe, padrão de educação e estilo de vida habitual, e pelos fatos e experiências de toda a sua vida pregressa.”

A atitude menos comprometedora sobre esta questão é adotada pelo filósofo J.G.E. Maass (1805), citado por Winterstein (1912): “A experiência confirma nossa opinião de que sonhamos com mais frequência com as coisas em que se centralizam nossas mais vivas paixões. E isso mostra que nossas paixões devem ter influência na formação de nossos sonhos. O homem ambicioso sonha com os lauréis que conquistou (ou imagina ter conquistado) ou com aqueles que ainda tem de conquistar; já o apaixonado se ocupa, em seus sonhos, com o objeto de suas doces esperanças. [...] Todos os desejos e aversões sensuais adormecidos no coração podem, se algo os puser em movimento, fazer com que o sonho brote das representações que estão associadas com eles, ou fazer com que essas representações intervenham num sonho já presente.”

A mesma concepção foi adotada na Antiguidade quanto à dependência do conteúdo dos sonhos em relação à vida de vigília. Radestock (1879, p. 134) relata-nos como, antes de iniciar sua expedição contra a Grécia, Xerxes recebeu judiciosos conselhos de natureza desencorajadora, mas foi sempre impelido por seus sonhos a prosseguir, ao que Artábano, o velho e sensato intérprete persa dos sonhos, observou-lhe pertinentemente que, por via de regra, as imagens dos sonhos contêm aquilo que o homem em estado de vigília já pensa.

O poema didático de Lucrécio, “De rerum natura”, traz o seguinte trecho (IV, 962):

*Et quo quisque fere studio devinctus adhaeret  
aut quibus in rebus multum sumus ante morati  
atque in ea ratione fuit contenta magis mens,  
in somnis eadem plerumque videmur obire:  
causidici causas agere et componere leges,  
induperatores pugnare ac proelia obire...<sup>7</sup>*

Cícero (*De divinatione*, II, LXVII, 140) escreve exatamente no mesmo sentido que Maury tantos anos depois: “*Maximeque reliquiae rerum earum moventur in animis et agitantur de quibus vigilantes aut cogitavimus aut egimus.*”<sup>8</sup>

A contradição entre esses dois pontos de vista sobre a relação entre vida onírica e vida de vigília parece de fato insolúvel. É portanto relevante, nesta altura, relembrar o exame do assunto por Hildebrandt (1875, p. 8 e segs.), que acredita ser completamente impossível descrever as características dos sonhos, salvo por meio de “uma série de [três] contrastes que parecem acentuar-se em contradições”. “O primeiro desses contrastes”, escreve ele, “é proporcionado, por um lado, pela completude com que os sonhos são isolados e separados da vida real, e, por outro, por sua constante imbricação e por sua constante dependência mútua. O sonho é algo completamente isolado da realidade experimentada na vida de vigília, algo, como se poderia dizer, com uma existência hermeticamente fechada e toda própria, e separada da vida real por um abismo intransponível. Ele nos liberta da realidade, extingue nossa lembrança normal dela, e nos situa em outro mundo e numa história de vida inteiramente diversa, que, em essência, nada tem a ver com a nossa história real”. Hildebrandt prossegue demonstrando como, ao adormecermos, todo o nosso ser, com todas as suas formas de existência, “desaparece, por assim dizer, por um alçapão invisível”. Então, talvez o sonhador empreenda uma viagem marítima até Santa Helena para oferecer a Napoleão, que ali se encontra prisioneiro, uma barganha primorosa em vinhos do Mosela. É recebido com extrema afabilidade pelo ex-imperador e chega quase a lamentar-se quando acorda e sua curiosa ilusão é destruída. Mas comparemos a situação do sonho, prossegue Hildebrandt, com a realidade. O sonhador nunca foi negociante de vinhos, nem jamais desejou sê-lo. Nunca fez uma viagem marítima e, se o fizesse, Santa Helena seria o último lugar do mundo que escolheria para visitar. Não nutre nenhum sentimento de simpatia para com Napoleão, mas, ao contrário, um violento ódio patriótico. E, além disso tudo, nem sequer era nascido quando Napoleão morreu na ilha, de modo que ter quaisquer relações pessoais com ele estaria além dos limites da possibilidade. Assim, a experiência onírica parece algo estranho, inserido entre duas partes da vida perfeitamente contínuas e compatíveis entre si.

“E contudo”, continua Hildebrandt, “o que parece ser o contrário disso é igualmente verdadeiro e correto. Apesar de tudo, o mais íntimo dos relacionamentos caminha de mãos dadas, creio eu, com o isolamento e a separação. Podemos mesmo dizer que o que quer que os sonhos ofereçam, seu material é retirado da realidade e da vida intelectual que gira em torno

dessa realidade. [...] Quaisquer que sejam os estranhos resultados que obtenham, eles nunca podem de fato libertar-se do mundo real; e tanto suas estruturas mais sublimes como também as mais ridículas devem sempre tomar de empréstimo seu material básico seja do que ocorreu perante nossos olhos no mundo dos sentidos, seja do que já encontrou lugar em algum ponto do curso de nossos pensamentos de vigília — em outras palavras, do que já experimentamos, externa ou internamente”.

(B)

## O material dos sonhos — a memória nos sonhos

Todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho — ao menos isso podemos considerar fato indiscutível. Mas seria um erro supor que uma ligação dessa natureza entre o conteúdo de um sonho e a realidade esteja destinada a vir à luz facilmente, como resultado imediato da comparação entre ambos. É preciso, pelo contrário, procurar diligentemente a ligação, e em inúmeros casos ela pode permanecer oculta por muito tempo. A razão disso está em diversas peculiaridades exibidas pela faculdade da memória nos sonhos e que, embora observadas com frequência, até hoje têm resistido à explicação. Vale a pena examinar essas características mais de perto.

É possível que surja, no conteúdo de um sonho, um material que, no estado de vigília, não reconhecamos como parte de nosso conhecimento ou de nossa experiência. Lembramo-nos, naturalmente, de ter sonhado com a coisa em questão, mas não conseguimos lembrar se, ou quando, a experimentamos na vida real. Ficamos assim em dúvida quanto à fonte a que recorreu o sonho e sentimo-nos tentados a crer que os sonhos possuem uma capacidade de produção independente. Então, finalmente, muitas vezes após um longo intervalo, alguma nova experiência relembra a recordação perdida

do outro acontecimento e, ao mesmo tempo, revela a fonte do sonho. Somos assim levados a admitir que, no sonho, sabíamos e nos recordávamos de algo que estava além do alcance de nossa memória de vigília.<sup>9</sup>

Um exemplo particularmente impressionante disso é fornecido por Delbœuf a partir de sua própria experiência. Viu ele num sonho o quintal de sua casa, coberto de neve, e sob ela encontrou dois pequenos lagartos semicongelados. Tendo uma grande afeição por animais, apanhou-os, aqueceu-os e os levou de volta para o pequeno buraco que ocupavam na alvenaria. Deu-lhes ainda algumas folhas de uma pequena samambaia que crescia no muro, as quais, como sabia, eles muito apreciavam. No sonho, ele sabia o nome da planta: *Asplenium ruta muralis*. O sonho prosseguiu e, após uma digressão, voltou aos lagartos. Delbœuf viu então, para sua surpresa, dois outros lagartos que se ocupavam dos restos da samambaia. Depois, olhou ao redor e viu um quinto e a seguir um sexto lagarto, que se dirigiam para o buraco no muro, até que toda a estrada fervilhava com uma procissão de lagartos, todos se movimentando na mesma direção... e assim por diante.

Quando desperto, Delbœuf sabia os nomes em latim de pouquíssimas plantas, e *Asplenium* não estava entre eles. Para sua grande surpresa, pôde confirmar o fato de que realmente existe uma samambaia com esse nome. Sua denominação correta é *Asplenium ruta muraria*, que fora ligeiramente deturpada no sonho. Isso dificilmente poderia ser uma coincidência; e, para Delbœuf, continuou a ser um mistério o modo como viera a conhecer o nome “*Asplenium*” no sonho.

O sonho ocorreu em 1862. Dezesesseis anos depois, quando o filósofo visitava um de seus amigos, viu um pequeno álbum de flores prensadas, do tipo dos que são vendidos aos estrangeiros como lembrança em algumas partes da Suíça. Começou então a recordar-se de algo — abriu o herbário, encontrou a *Asplenium* de seu sonho e viu o nome em latim, escrito por seu próprio punho, abaixo da planta. Os fatos podiam agora ser verificados. Em 1860 (dois anos antes do sonho com os lagartos), uma irmã desse mesmo amigo, em viagem de lua de mel, fizera uma visita a Delbœuf. Trazia consigo o álbum, que seria um presente dela ao irmão, e Delbœuf deu-se ao trabalho de escrever sob cada planta seca o nome em latim, ditado por um botânico.

Um feliz acaso, que tornou esse exemplo tão digno de ser recordado, permitiu a Delbœuf rastrear mais uma parte do conteúdo do sonho até sua fonte esquecida. Um belo dia, em 1877, aconteceu-lhe pegar um velho

volume de um periódico ilustrado e nele encontrar uma fotografia de toda a procissão de lagartos com que sonhara em 1862. O volume trazia a data de 1861, e Delbœuf se lembrava de ter sido assinante da publicação desde seu primeiro número.

O fato de os sonhos terem sob seu comando lembranças que são inacessíveis na vida de vigília é tão notável, e de tal importância teórica, que eu gostaria de chamar ainda mais atenção para ele, relatando mais alguns sonhos “hipermnésicos”. Maury conta-nos como, por algum tempo, a palavra “Mussidan” volta e meia surgia em sua mente durante o dia. Nada sabia a respeito dela, a não ser que era o nome de uma pequena cidade da França. Certa noite, sonhou que conversava com alguém que lhe dizia ter vindo de Mussidan, e que, ao lhe perguntarem onde ficava isso, respondia ser uma pequena cidade do departamento de Dordonha. Ao acordar, Maury não nutria nenhuma crença na informação que lhe fora transmitida no sonho; soube por um jornaleiro, contudo, que era perfeitamente correta. Nesse caso, a realidade do conhecimento superior do sonho foi confirmada, mas não se descobriu a fonte esquecida desse conhecimento.

Jessen (1855, p. 551) relata um fato muito semelhante num sonho datado de época mais remota: “A essa classe pertence, entre outros, um sonho do velho Scaliger (citado por Hennings, 1784, p. 300), que escreveu um poema em louvor dos homens famosos de Verona. Um homem chamado Brugnolus apareceu-lhe num sonho e se queixou de ter sido desprezado. Embora Scaliger não conseguisse lembrar-se de ter ouvido falar dele, escreveu alguns versos a seu respeito. Seu filho soube posteriormente, em Verona, que alguém chamado Brugnolus de fato fora ali famoso como crítico.”

O Marquês d’Hervey de Saint-Denys, citado por Vaschide (1911, p. 232 e seg.), descreve um sonho hipermnésico que tem uma peculiaridade especial, pois foi seguido de outro que completou o reconhecimento do que, de início, era uma lembrança não identificada: “Certa feita, sonhei com uma jovem de cabelos dourados, a quem vi conversando com minha irmã enquanto lhe mostrava um bordado. Ela me pareceu muito familiar no sonho e pensei já tê-la visto muitas vezes. Depois que acordei, ainda tinha seu rosto muito nitidamente diante de mim, mas era totalmente incapaz de reconhecê-lo. Voltei a dormir e a mesma imagem onírica se repetiu. [...] Mas, nesse segundo sonho, falei com a dama de cabelos louros e perguntei-lhe se já não tivera o prazer de encontrá-la antes, em algum lugar. ‘É claro’, respondeu ela,

‘não se lembra da *plage* em Pornic?’ Despertei imediatamente e pude então recordar-me com clareza de todos os pormenores associados com a atraente visão do sonho.”

O mesmo autor (também citado por Vaschide, *ibid.*, pp. 233-4) conta como um músico seu conhecido ouviu num sonho, certa vez, uma melodia que lhe pareceu inteiramente nova. Só muitos anos depois foi que ele encontrou a mesma melodia numa velha coleção de peças musicais, embora ainda assim não pudesse recordar-se de tê-la examinado algum dia.

Sei que Myers publicou toda uma coletânea de sonhos hipermnésicos dessa natureza nas *Atas da Sociedade de Pesquisas Psíquicas*, mas, infelizmente, não tenho acesso a elas.

Ninguém que se ocupe de sonhos pode, creio eu, deixar de descobrir que é fato muito comum um sonho dar mostras de conhecimentos e lembranças que o sujeito, em estado de vigília, não está ciente de possuir. Em meu trabalho psicanalítico com pacientes nervosos, do qual falarei mais adiante, tenho condições, várias vezes por semana, de provar aos pacientes, com base em seus sonhos, que eles de fato estão bem familiarizados com citações, palavras obscenas etc., e que as utilizam em seus sonhos, embora as tenham esquecido em sua vida de vigília. Acrescentei mais um caso inocente de hipermnésia num sonho, em vista da grande facilidade com que foi possível descobrir a fonte do conhecimento acessível apenas no sonho.

Um de meus pacientes, no decurso de um sonho bastante prolongado, sonhou que pedira um “*Kontuszówka*” quando se encontrava num café. Depois de me contar isso, perguntou-me o que era um “*Kontuszówka*”, pois nunca ouvira esse nome. Pude responder-lhe que se tratava de um licor polonês e que ele não podia ter inventado esse nome, que há muito me era familiar pelos anúncios afixados nos tapumes. De início, ele não me quis dar crédito, mas, alguns dias depois, após concretizar seu sonho num café, notou o nome num tapume na esquina de uma rua pela qual devia ter passado pelo menos duas vezes ao dia durante vários meses.

Eu mesmo já observei, em relação aos meus próprios sonhos, até que ponto é uma questão de acaso descobrir-se ou não a fonte dos elementos específicos de um sonho. Assim é que, durante anos, antes de concluir este livro, fui perseguido pela imagem de uma torre de igreja de desenho muito simples, que eu não lembrava ter visto. E então, de súbito, reconheci-a com absoluta certeza numa pequena estação da linha férrea entre Salzburgo e

Reichenhall. Isso ocorreu na segunda metade da década de 1890, e eu viajara naquela linha pela primeira vez em 1886. Em anos posteriores, quando eu já estava absorto no estudo dos sonhos, a frequente repetição, em meus sonhos, da imagem de determinado lugar de aparência inusitada tornou-se para mim um verdadeiro incômodo. Numa relação especial específica comigo, à minha esquerda, eu via um espaço escuro onde reluziam diversas figuras grotescas de arenito. Uma vaga lembrança à qual eu não queria dar crédito dizia-me tratar-se da entrada de uma cervejaria. Mas não consegui descobrir nem o significado da imagem onírica nem sua origem. Em 1907, eu por acaso estava em Pádua, que, lamentavelmente, não pudera visitar desde 1895. Minha primeira visita àquela encantadora cidade universitária fora uma decepção, pois eu não pudera ver os afrescos de Giotto na Madonna dell’Arena. Voltara a meio caminho da rua que leva até lá ao ser informado de que a capela estava fechada naquele dia. Em minha segunda visita, 12 anos depois, resolvi compensar isso, e a primeira coisa que fiz foi encaminhar-me para a capela da Arena. Na rua que conduz a ela, à minha esquerda e, com toda a probabilidade, no ponto do qual retornara em 1895, deparei com o lugar que tantas vezes vira em meus sonhos, com as figuras de arenito que faziam parte dele. Era, de fato, o acesso ao jardim de um restaurante.

Uma das fontes de onde os sonhos tiram material para reprodução — material que, em parte, não é nem recordado nem utilizado nas atividades do pensamento de vigília — é a experiência da infância. Citarei apenas alguns dos autores que observaram e ressaltaram esse fato.

Hildebrandt (1875, p. 23): “Já admiti expressamente que os sonhos às vezes trazem de volta a nossas mentes, com um maravilhoso poder de reprodução, fatos muito remotos e até mesmo esquecidos de nossos primeiros anos de vida.”

Strümpell (1877, p. 40): “A posição é ainda mais notável quando observamos como os sonhos por vezes trazem à luz, por assim dizer, das mais profundas pilhas de destroços sob as quais as primeiras experiências da meninice são soterradas em épocas posteriores, imagens de localidades, coisas ou pessoas específicas, inteiramente intactas e com todo o seu viço original. Isso não se limita às experiências que criaram uma viva impressão quando ocorreram, ou que desfrutaram alto grau de importância psíquica e retornaram

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A interpretação dos sonhos" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).